

Menos de 100 dias

A presidente
Dilma está frita.
E nem foram
necessários os
emblemáticos 100 dias de
governo para se ter essa certeza.

Mas o que pode ser o fundo do poço, talvez seja a refundação da República brasileira de uma maneira **nunca antes vista nesta história de 515 anos do descobrimento do Brasil.**

A verdade é que a crise política, que se imaginava real após a crise econômica prevista (ainda durante o processo eleitoral) para este segundo mandato de Dilma, ganhou uma dimensão sem tamanho com o melindrado PMDB sendo envolvido sem proteção da presidente na operação Lava-Jato.

As derrotas deste início de março indicam a falta de governabilidade mínima nas duas Casas do Congresso, tanto no Senado com um magoado Renan Calheiros, quanto na Câmara com o absolutamente previsível Eduardo Cunha.

Dilma está exposta perante o Congresso, diante do seu próprio partido (o PT de Lula e sua chamada ala ficou em segundo plano neste governo de Dilma) e de um ambiente social volátil, em que passeatas contra a presidente são marcadas na agenda pessoal do cidadão comum - quem não conhece uma pes-

soa que mudou sua rotina para ir a alguma manifestação? A palavra impeachment é dita sem pudores nos meios políticos, fruto das ruas paulistas, não apenas dos Jardins, dos paulistanos, mas do grande interior, onde está o segundo maior PIB do Brasil, perdendo apenas para a capital. A crescente instabilidade política do governo, que enfrentou reveses na aprovação no Congresso Nacional do corte de gastos do governo, levou o dólar comercial a subir e romper a casa de R\$ R\$ 3,16 na quarta-feira (10/03/15). Como diz o ditado, quando se mexe no bolso é que a pessoa sente, daí o som das ruas.

O Petrolão parou a movimentação das principais construtoras do Brasil, que de uma maneira direta movimentam milhões de empregos em todos os cantos deste País, através de contratos com indústrias que alimentam essa cadeia de prestação de serviço. Assim, quando por força da investigação de corrupção a Petrobrás deixa de pagar a um fornecedor gigante, uma metalúrgica modesta do interior também se vê sem aquele

dinheiro. A diferença é que uma gigante (como qualquer uma dessas construtoras) tem poder para aguentar o baque de uma crise como essa do Petrolão. O fornecedor pequenininho, do interior, sem fluxo de caixa quebra. E com isso os empregos somem.

O futuro, diante desse quadro, é o que se desdobra no dia a dia, mas com a certeza de que nunca antes na história deste País (para parafrasear Lula) a expressão Abril Vermelho ganhou tanto significado. Caso o mercado seja de fato atingido pela birra do presidente do Senado e da Câmara e as ruas sejam tomadas de cidadãos comuns insatisfeitos cria-se o caldo para algo absurdo a meu ver, que é o início do processo do impeachment de Dilma. Todos vão perder alguma coisa, cidadãos e empresários, se isso vier a ocorrer. E se faltar juízo aos tucanos, ainda é possível que o PT saia de vítima e ganhe um discurso para concorrer num novo pleito.

Como dizia Voltaire, **"posso não concordar com nenhuma palavra que venha a dizer, mas defenderei até o fim o seu direito em dizê-las"**. Protestar e gritar contra o governo (que sou a favor) é completamente diferente do que tirar o mandato de um governo eleito de maneira legítima.

A esperança que resta são os indícios de que Dilma não se importa se vão lhe cortar a cabeça, desde que ela tenha a certeza que levará junto muita gente que hoje detém poder político, mas cujo poder moral é duvidoso.

Sonho com o dia em que o eleitor limpe da vida pública quem faz desse sacerdócio uma maneira de tirar proveito pessoal e particular.